

## Ensaio

# Corpo metáfora<sup>1</sup>

## Bodie metaphor

## Cuerpo metáfora



**Sandro Borelli**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
sandroborelli13@gmail.com



**Odilon José Roble**

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo, Brasil  
roble@unicamp.br

**Resumo:** Este artigo percorre uma reflexão sobre o corpo humano como um símbolo das tensões entre liberdade e opressão utilizando a mitologia grega como uma rica fonte de metáforas. Busca refletir o corpo, entendido como uma unidade fundamental do ser, um campo de batalha onde se desenrolam as tragédias da existência. Através da revisão filosófica dos pensamentos de Schopenhauer, Nietzsche, Freud e Cioran, o texto ilustra a tendência humana à submissão, à vontade intrínseca de viver e aos conflitos de ordem social e política que surgem dessa busca. Este ensaio é um convite à reflexão sobre o corpo apresentado não apenas como um ente físico, mas como uma potente metáfora de contradições.

**Palavras-chave:** Corpo; Filosofia; Tragédia; Estado; Política.

**Abstract:** This article reflects on the human body as a symbol of the tensions between freedom and oppression, using Greek mythology as a rich source of metaphors. It seeks to reflect on the body as a fundamental unit of being, a battlefield where the tragedies of existence unfold. Through a philosophical review of the thoughts

<sup>1</sup> Este artigo foi elaborado durante a pesquisa de doutorado em Educação Física, na área de Educação Física e Sociedade, com auxílio da bolsa CAPES/DS (2020-2022).

of Schopenhauer, Nietzsche, Freud and Cioran, the text illustrates the human tendency towards submission, the intrinsic will to live and the social and political conflicts that arise from this quest. This essay is an invitation to reflect on the body, presented not just as a physical entity, but as a powerful metaphor for contradictions.

**Keywords:** Body; Philosophy; Tragedy; State; Politics.

**Resumen:** Este artículo reflexiona sobre el cuerpo humano como símbolo de las tensiones entre libertad y opresión, utilizando la mitología griega como rica fuente de metáforas. Pretende reflexionar sobre el cuerpo como unidad fundamental del ser, campo de batalla donde se desarrollan las tragedias de la existencia. A través de una revisión filosófica del pensamiento de Schopenhauer, Nietzsche, Freud y Cioran, el texto ilustra la tendencia humana a la sumisión, la voluntad intrínseca de vivir y los conflictos sociales y políticos que surgen de esta búsqueda. Este ensayo es una invitación a reflexionar sobre el cuerpo, presentado no sólo como una entidad física, sino como una poderosa metáfora de las contradicciones.

**Palabras clave:** Cuerpo; Filosofía; Tragedia; Estado; Política.

Submetido em: 09/07/2024

Aceito em: 22/10/2024

## 1 Introdução

O corpo, sendo compreendido como uma das unidades fundamentais do ser, anuncia potências políticas porque tem o ímpeto natural de buscar a construção de poderes para se manter vivo. Com isso, apresenta um leque de perspectivas, uma delas traz à cena os horrores que o humano é capaz de produzir e como, invariavelmente, essas crueldades se desdobram em formas diversas de opressão em outros corpos. Na mitologia grega temos um manancial muito profícuo de testemunhos dessas atrocidades, pois suas narrativas de deuses e heróis não poupam expressões que desnudam a violência e a opressão, isso porque o *Mythós* parece ser a forma poética do desejo.

**Figura 1 - Dança Cênica. *Konstituição*, coreografia de Sandro Borelli, com a Cia Carne Agonizante**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

É importante frisar que este texto faz uso de uma tradição filosófica alemã do século XIX denominada de filosofia do impulso ou da tragédia para ponderar que um dos requisitos fundamentais para se tornar corpo, desde o útero, seria uma vontade intrínseca em viver e postergar a vida o máximo possível, por conta disso, o embate já se anuncia. As consequências disso indicarão, desde o início, que não há alternativas, pois o desejo de manter a presença física será predominante. Assim, neste contexto argumentativo, pode-se afirmar que viver é uma expressão contínua de vontades e impulsos, o que pode representar um mergulho no desconhecido, ou simplesmente, ser visto como uma manifestação da liberdade.

Nos parágrafos seguintes esse texto irá articular corpo e política, assumindo-o como metáfora da opressão, sem economizar incisividade estética, para que a linguagem acadêmica não apazigue também nossa revolta e crença no papel transformador da filosofia do corpo.

## 2 Liberdade e suas ficções

De maneira bem concisa, pode-se ponderar que os humanos se organizaram em grupos porque provavelmente perceberam que com isso poderiam viver por um tempo maior, com uma qualidade de vida mais adequada e protegido de possíveis intervenções internas e externas. Este é um dos aspectos que pode ter colaborado no surgimento da civilização. Só isso não era suficiente, era necessário um ordenamento maior, assim surgiu o Estado para organizar e proteger todo indivíduo. Isto posto, foi indispensável criar regras e deveres a fim de serem rigidamente cumpridos com o intuito de salvaguardar as sociedades de uma previsível desordem. As consequências desse caminho escolhido anexaram esse mesmo indivíduo, agora transformado em cidadão, no mundo do “isso pode, isto não pode, portanto tu deves”, parafraseando Friedrich Nietzsche (2011), em *Assim falava Zaratustra*.<sup>2</sup> Logo, é

<sup>2</sup> Uma das obras poético-filosóficas mais importantes do pensamento ocidental escrita inicialmente em 1883 e 1885.

possível considerar o indivíduo, por conta da sua natureza, ser um corpo repleto de contradições e incertezas, a ponto de dizer que são componentes do alicerce da sua persona.

O Estado pode ser considerado uma representação fiel do humano, refletindo as incoerências presentes em sua origem. Um exemplo, que ilustra essa entidade oficial é sua tendência a conceder privilégios a alguns (aqueles no topo pirâmide social) e desvantagens para muitos outros (aqueles na base). Trata-se de uma estrutura organizacional que considera as relações sociais como guiadas por um oportunismo impulsionado pelo desejo. Como Bakunin afirmou: “Do mesmo modo, o Estado outra coisa não é senão a garantia de todas as explorações em proveito de um pequeno número de felizes privilegiados, em detrimento das massas populares” (Bakunin, 2015b, p. 53).

É importante reconhecer que esse mesmo Estado, em alguns momentos, pode conceder algumas benesses para as camadas consideradas mais inferiores, isso vai depender das ideologias políticas que estão no controle no momento. A idealização de uma imaginável liberdade é um desses presentes, no entanto, com regras a serem cumpridas, conseqüentemente, condicionada e vigiada.

O filósofo romeno, radicado na França, Emil Cioran, declarou em *História e Utopia*: “O Homem é tão pouco afeito para suportar a liberdade, ou para merecê-la, que mesmo os benefícios que recebe dela o esmagam, e ela acaba lhe sendo tão penosa que aos excessos que suscita ele prefere os de terror.” (Cioran, 2011a, p. 13). Por conta das suas limitações, tende a criar várias representações de si mesmo para poder se adequar aos momentos.

Uma certa ordem moral tem moldado um modelo de submissão para os seres humanos, que, na tentativa de manter a esperança, acabam sendo tratados como um rebanho a serviço dos interesses daqueles que detêm o poder. Nietzsche ilustra essa dinâmica ao descrever o “grande dragão” que proclama “Tu deves”, enquanto o espírito do leão afirma “Eu quero”. Ele escreve: “‘Tu deves’, assim se chama o grande dragão; mas o espírito do leão diz:



‘Eu quero’. O ‘Tu deves’ está postado no seu caminho como animal escamoso de áureo fulgor e em cada em cada uma de suas escamas brilha em letras douradas: ‘Tu deves’” (Nietzsche, 2011, p. 28).

Esse cenário cria uma falsa promessa de liberdade, sugerindo que, com esforço, é possível conquistá-la. No entanto, para alcançar esse contentamento tão almejado, é necessário ser obediente e perseverante nas determinações impostas. A fé, a esperança e a submissão tornam-se fundamentais nesse contexto.

Quando explicitamos especulações, manifestações ou entendimentos do corpo vivo presente no mundo, é bom que se diga que foram e são continuamente apresentadas por inúmeras tendências conceituais no campo filosófico, poético, político, religioso e social. A vontade por liberdade obstina-se em pulsar incessantemente onde quer que esteja, entretanto, por algum motivo, em muitos momentos será desejada e rejeitada simultaneamente. Como Psiquê<sup>3</sup>, uma mulher que de tão perfeita beleza, acabou provocando inveja na deusa Afrodite e uma atração arrebatadora de seu filho Eros.

Entre as muitas perspectivas já apontadas acerca do corpo, há uma que chama especial atenção na luta constante pela vida, que deverá estar intimamente ligada à busca por uma pretensa independência. Contudo, será necessário ser obtida com a colaboração do desejo de se estar vivo para estabelecer relações com o outro. Tais cogitações apontam para a mesma direção que foi anunciada por Schopenhauer (2001) como *vontade de viver* (uma força motivadora a conduzir-se de acordo com seus próprios desejos), mais tarde preconizada por Nietzsche (2005) como a eterna busca pela *vontade de poder* (desejo de dominação sobre o outro como motivação de vida). Mas, como eles mesmos anunciaram, há um valor vultoso a ser saldado por tal ânsia.

Na publicação *Da Morte Metafísica do Amor - Do Sofrimento do Mundo*, que contém três textos de Schopenhauer, extraídos de *O Mundo como Vontade* (1819) e *Representação e Parega e Paralipomena* (1851), o filósofo assim sintetizou a relação do ser humano com a vida:

<sup>3</sup> Na mitologia grega é considerada a personificação da alma.

[...] e para falar a verdade, todos os homens – são feitos de tal modo que eles não podem ser felizes, em qualquer mundo que sejam transportados. Pois, se nesse outro mundo fossem excluídas a necessidade e a fadiga, eles cairiam sob o peso do tédio, e se o tédio fosse evitado, recairiam na necessidade, tormentos e sofrimentos. Para levar o homem a um estado de bem aventurança, de modo algum seria suficiente que se o transportasse para um mundo melhor; seria necessária a produção de uma mudança fundamental nele mesmo, que o fizesse não mais ser o que é, mas, ao contrário, o fizesse se tornar o que não é (Schopenhauer, 2001, p. 56).

**Figura 2 - Dança Cênica. *Konstituição*, coreografia de Sandro Borelli, com a Cia Carne Agonizante**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Se for entendido que o corpo (físico e metafísico) estará sempre predisposto a duas obviedades justificadas – vida, consequentemente, seu fim e, entre elas, um prosseguimento intermitente

de expectativas inúteis, as previsibilidades serão uma constante. Sendo assim, podemos prever que a impulsiva busca desta tão intensa autonomia poderá acarretar a supressão dela mesma, pois serão necessários outros corpos para serem envolvidos, nem sempre compactuados com tais pretensões. Portanto, pode-se também alegar que virá preenchida, além de prazer e euforia, também de conflitos, perdas, danos e sangue disseminado, não havendo vencedores, e sim vencidos sob o manto do ridículo. Assim também se escreve a história, que pode ser vista como um roteiro cênico para uma farsa teatral<sup>4</sup>. Há incontáveis exemplos que poderiam ser citados: o que foi o fim do quase imbatível guerreiro Aquiles ao ser derrubado por uma flecha cravada em seu calcanhar, senão um término burlesco do, até então, invencível herói. Outro exemplo: o grande e poderoso líder dos gregos, o rei Agamenon, teve um fim risível ao ser executado pelo seu primo Egisto, amante de Clitemnestra, sua esposa, assim que regressou vitorioso da guerra de Tróia. Em muitos momentos na história do ocidente, as grandes lideranças políticas que arrebataram os corações de seus seguidores insuflaram o ódio aos seus opositores, tem se a impressão de que existem para serem derrubados posteriormente.

Como diz Nietzsche em *Vontade de Potência* (2005, p. 281): “É mister que não haja escolha: ou no apogeu – ou embaixo, arrasando-se como um verme, insultado, aniquilado, espezinhado. Necessitamos de tiranos contra nós, para nos tornarmos tiranos da mesma forma, isto é, livres.”

É oportuno indicar, o resultado da dança libidinosa do acasalamento, revela a seguir, a luta para preservar a vida desde a junção do espermatozoide ao óvulo para depois transformá-la simplesmente em meras ambições diárias, uma busca claudicante pelo controle. Inclusive, pode-se compreendê-la meramente como satisfação de desejos, muitas vezes reprimidos, para transformá-los em tragédias banais. Um surrealismo fantástico que lembra as obras de Franz Kafka e, inclusive, o realismo funesto de Fiódor Dostoiévski. É possível rir de várias passagens contidas nas obras

<sup>4</sup> Gênero teatral surgido na Grécia antiga onde a vida cotidiana é satirizada por personagens caricatos.



desses dois autores. Dentro desta perspectiva, é possível alegar que as tragédias podem muito bem apresentar e, até mesmo, representar um conteúdo cômico.

Trazendo para tempos mais recentes da história brasileira, apresentamos uma passagem muito conhecida da nossa memória política, já no fim do período ditatorial militar no Brasil, um caso muito difundido no fim do século passado, ocorrido em 30 de abril de 1981, na cidade do Rio de Janeiro. Dois militares, sob o comando de seus superiores, tentaram explodir artefatos durante um evento comemorativo do Dia do Trabalho no Centro de Convenções Riocentro<sup>5</sup>. Nesse dia e local, havia milhares de pessoas reunidas aguardando o início de um show com as participações de Chico Buarque, Gal Costa, Gonzaguinha e outros, todos declaradamente críticos à ditadura militar, porém, para azar dos incautos da farada, o artefato acabou explodindo acidentalmente antes da hora, no interior do carro em que estavam, levando à morte instantânea um sargento e à ferimentos graves um capitão (agentes do DOI-CODI do 1º Exército). Um acontecimento tragicômico sob um ponto de vista kafkiano, além de referendado pelo pensamento de Cioran em *Breviário de Decomposição*: “A descoberta da vida aniquila a própria vida” (Cioran, 2011b, p. 175). A partir desta conclusão, poderíamos dizer que estar vivo com alguma plenitude irá significar uma batalha para mantê-la presente a qualquer preço, custe o que custar, para que esta mesma vida pudesse ter algum sentido prático.

Como se fosse um personagem mitológico, o *Corpo* segue no seu eterno calvário. Refém de uma sentença deferida pelos deuses ou, de maneira mais pragmática – um lento autocídio involuntário diário rumo a uma caricata decomposição. Sim, a degradação do corpo já sem vida impressiona porque o que antes era energia, irá se transformar em um fantoche enrijecido. O próximo passo será apodrecer, tornar-se disforme e repulsivo.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-que-foi-atentado-ao-riocentro.phtml>. Acesso em: 28 set. 2021.

Para explicitar ainda mais as apreciações sobre esse argumento, Cioran se faz necessário mais uma vez:

Quem não aceitasse mentir veria a terra fugir sob seus pés. Estamos *biologicamente* obrigados ao falso. Não há herói moral que não seja ou pueril, ou ineficaz, ou inautêntico; pois a verdadeira autenticidade é o aviltamento da fraude, no decoro da adulação pública e da difamação secreta. Se nossos semelhantes pudessem constatar nossas opiniões sobre eles, o amor, a amizade, o devotamento, seriam riscados para sempre dos dicionários; e se tivéssemos a coragem de olhar cara a cara as dúvidas que concebemos timidamente sobre nós mesmos, nenhum de nós preferiria um “eu” sem envergonhar-se. A dissimulação arrasta tudo que vive, desde o troglodita até o cético. Como só o respeito das aparências nos separa dos cadáveres, precisar o fundo das coisas e dos seres é perecer; conformemo-nos a um nada mais agradável: nossa constituição só tolera uma certa dose de verdade. (Cioran, 2011c, p. 169)

### 3 Corpo, mito e filosofia

Parece plausível analisar algumas das personalidades mitológicas gregas sob a ótica da ousadia, exemplos disso, Prometeu, Tântalo, Sísifo e Íxion, lendas que se impuseram no imaginário coletivo de um povo porque se notabilizaram pela característica de serem audaciosos transgressores. Suas ações refutaram as normas estabelecidas pelo poder de Zeus, foram punidos e as sentenças foram acatadas pelo segundo escalão do Olimpo. De uma certa maneira, uma configuração organizada tal qual um Estado regulador autoritário, assim como os de hoje, único proprietário dos destinos daqueles que vinham inferiormente da escala divina. O indivíduo deveria aceitar os princípios para serem obedecidos em prol de uma organização decretada. Com isso, foi possível abrir uma fissura significativa a fim de investigar o desejo pela liberdade sob a perspecti-

va filosófica pessimista, anárquica e cínica. Uma disposição natural que demonstra estar contida nas entranhas do humano que podemos chamar de *pulsão de vida* e também o de poder experimentar o acesso ao controle. Ímpeto por independência na sua estrutura. Assim sendo, desencadeou-se um ponto de vista palpável de investigar a criatura humana na sua instância mais instintiva a partir dos primórdios da cultura ocidental, para então, poder apresentar interpretações contemporâneas sobre esta temática.

Desta maneira, compreende-se ser viável acumular um provável potencial simbólico e cultural no ambiente mítico, neste caso específico, a mitologia grega aglutinada à vontade por liberdade no interior de cada indivíduo já naqueles primórdios. A multiplicidade de deuses no imaginário grego em seu cotidiano talvez seja uma fonte para esmiuçar essas questões.

As rebeldias dos mortais e semideuses e, até mesmo, das divindades contra as vontades de Zeus, já sinalizavam rupturas nos alicerces das organizações de comando, já demonstravam que a liderança, para se manter perene, necessitaria de um controle mais eficaz. As diversas personalidades controversas dos integrantes do Olimpo, e as consequências disso, oferecem uma capacidade gigantesca disposta a explorar as fronteiras da utopia, lugar das vontades libertárias e das frentes autoritárias para freá-las. Isso tudo demonstra o humano como ele é: um bípede que tem o atributo de pensar e sofre as dores por essa causa. Quando se menciona o termo *mitologia*, automaticamente estarão inclusas metáforas produzidas por humanos do seu tempo para poder acomodar suas vontades e seus desejos.

Possivelmente, Nietzsche, ciente da tendência quase que orgânica dessa espécie à canalhice, percebe a importância de uma mudança de paradigma necessária para o surgimento de um novo modo de ser humano, chamando-o de *Übermensch* em *Assim Falava Zaratustra*:

O Homem é a corda estendida entre o animal e o Super-Homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

O grande homem é ele ser uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento. (Nietzsche, 2011, p. 17)

Quando Nietzsche proclamou pela primeira vez em *A Gaia Ciência* que 'Deus está morto' ele indicou que única saída estava na busca pela *transvaloração* do indivíduo e, conseqüentemente, na idealização de um novo tipo de ser humano. Essa afirmação também sugere a necessidade de romper com as instituições tradicionais, como o Estado, e as crenças no céu, purgatório e inferno. Nietzsche escreve: "Deus está morto. Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob nossos punhais - quem nos limpará este sangue?" (Nietzsche, 2017, p.87). Essa passagem enfatiza a urgência de reavaliar e redefinir os valores que governam a sociedade e o indivíduo.

Talvez, o filósofo tivesse em seu íntimo a ambição de tornar possível idealizar e materializar o indivíduo alicerçado na *vontade de poder* sem ser escravo dele, simplesmente criador de si mesmo, doando sem ambicionar nada em troca. Libertar o corpo do seu natural enclausuramento. Seria a extinção do oportunismo pulha, além de extirpar o amparo corrosivo da crença ou da fé. Indivíduo liberto das amarras da lei, condutor do seu próprio destino, porém, com uma grande possibilidade de extinção, sem o caos interior, por consequência, o exterior, o humano não suportaria viver por muito tempo. Um tornar-se o que realmente se é e assim, livrar-se do enclausuramento civilizatório que apenas determina, com a intenção de sustentar uma ordem comum a todos, ou seja, para o necessário controle de um rebanho numeroso de cidadãos que sejam fiéis, orgulhosos cumpridores de suas obrigações. Seria, portanto, livrar-se da hipocrisia velada, escancarada apenas entre quatro paredes, no banheiro ou embaixo dos cobertores. Provavelmente, Nietzsche te-



na apresentada uma das maiores ficções da cronologia filosófica ocidental. Em *História e Utopia* está cravado: “Equilíbrio maldito, estagnação sem remédio, de que sofrem igualmente os indivíduos e as coletividades.” (Cioran, 2011a, p. 87)

Quando Schopenhauer (através de aforismos) torna evidente, em *A Vontade de Amar* (1985), que o homem é a sepultura viva do seu análogo e que estar vivo não teria nenhum sentido objetivo, talvez tenha, dentre outras coisas, conceituado que um dos motivos principais para tal reflexão seria de que nada serviria tornar-se um cidadão responsável. Seus deveres sociais e morais seriam ingênuos perante a complexidade da vivência coletiva, pois outros se aproveitariam da sua integridade e serventia. Em outras palavras: covardes decididos sendo engolidos por canalhas pusilânimes, porém, ardilosos.

No instante que Bakunin sugere, em *Deus e o Estado* (2015a), que o poder do Estado deveria se extinguir logo após a subversão das massas populares porque todas as formas de governo, forçosamente, levariam os insurgentes ao prazer pela opressão e, no futuro, à condição de escravidão, ele poderia estar sinalizando a inclinação do cidadão à sordidez e à barbárie. Havia a inevitabilidade de um novo modelo social. Nesta outra recomendação de sociedade, necessariamente, haveria de estar repleta de “Sísifos”, “Tântalos”, “Íxions” e “Prometeus” considerados criminosos pelo todo poderoso Zeus. Uma revolta com intuito de se chegar à uma possível liberdade, bem como nos afirmou na obra supracitada. Em outros termos, um outro modo de existir a partir da quebra de valores conservadores oriundos de uma tirania arraigada pelos prestigiosos. Seria necessária uma outra dimensão de corpo, revestido com um outro pensamento moral e ético

O filósofo e libertário russo cunhou estas palavras em *Deus e o Estado*:

Mas eis que chega Satã, o eterno revoltado, o primeiro livre-pensador é o emancipador dos mundos! Ele o faz envergonhar-se de sua ignorância e de sua obediência

bestial; ele emancipa, imprime em sua frente a marca da liberdade e da humanidade, levando-o a desobedecer e a provar do fruto da ciência. (Bakunin, 2015a, p. 29)

Como sempre, o Estado e seu poderio, com o apoio incondicional da religião e seu olhar benevolente de amor ao próximo, têm sido os estupradores implacáveis da sociedade, gestada para ser submissa e convicta do seu destino – de estar consecutivamente subordinada aos seus superiores sanguessugas. Similar a um cão fiel, sempre ansioso por um carinho do seu dono, oferecendo-lhe lambidas constantes em seus pés. Corpo ordenado para manter a cabeça baixa, manifestando a obediência e, ao mesmo tempo, para não distinguir a realidade que o consome.

**Figura 3 - Dança Cênica. *Konstituição*, coreografia de Sandro Borelli, com a Cia Carne Agonizante**



*Fonte: Arquivo pessoal (2024).*

Cioran, com seu cinismo cáustico, destacou como os cidadãos aceitam docilmente ser atraídos por correntes ideológicas que ressoam em suas psiques, buscando algum benefício pessoal, mas

frequentemente sem uma opinião convincente ou alguma certeza sobre elas. Eles carecem de entendimento prático dos resultados que essas escolhas podem oferecer. Em *Silogismos da Amargura*: “No auge da Passividade, pensa-se em uma boa crise de epilepsia como em uma terra prometida” (Cioran, 2011c, p. 36). Seguir a massa é mais confortável e seguro; a esperança, a tolice e a ignorância serão combustíveis essenciais para que esse movimento continue. As afirmações inquietantes de Cioran parecem atemporais. As pessoas buscam um pastor guia que as sustente, que corrompa e assedie diariamente. Conforme rebanhos de bovinos, caprinos, ovinos e suínos em suas devidas baias, tentam inutilmente se organizar em grupos para encontrar um meio mais seguro de sobrevivência ou postergá-la ao máximo, protegendo-se de inimigos comuns. Essa estratégia manifesta pertinência, pois o instinto de preservação da vida prevalece. No entanto, há uma lógica nisso: serve para apaziguar o terror que a morte provoca.

A partir do momento que a vida passa a ser o bem mais valioso, mantê-la a qualquer custo será primordial, logo, o medo da possibilidade de perdê-la a qualquer momento causa origem à fantasia da possibilidade de outra existência, uma continuação em algum lugar figurado. Portanto, seguir mansamente a multidão pode reforçar a fé e, junto com ela, a esperança de que um dia, no paraíso, tudo irá mudar para melhor. Acredita-se que os bons serão recompensados e os maus serão punidos, espera-se pacientemente que o líder magnânimo mostre o caminho mais seguro em direção à redenção dos projetos pessoais. Essa é a preocupação principal, há um constante apelo para que isso se concretize. Em *Breviário de Decomposição*, encontramos a manifestação: “Uma civilização começa a decair a partir do momento em que a Vida se torna sua única obsessão.” (Cioran, 2011b, p. 174)

Sendo um covarde convicto as possibilidades de vantagens e conveniências, por mais insignificantes que sejam, têm sido efetivas e promissoras. E o corpo? Bem, aparenta ser a vítima perfeita de si mesmo - constrói o púlpito, prepara a corda e se enforca. Uma metáfora pura.

A cega aprovação às determinações impostas aos agrupamentos sociais por quem detém o poder, apresenta contradições estruturais de grande evidência, porém pouco percebidas, principalmente por aqueles onde a ponderação permanece adormecida sob um manto aparentemente acolhedor, imerso em sonhos subalternizados. E o corpo? No sentido figurado, como um Sísifo humanizado em seu trabalho intermitente e precarizado, sem entender o real significado da sua situação.

Mas o *sim à vida* ainda resiste dando pequenos acenos à guerra contra a passividade – como um indivíduo qualquer em estado terminal, num leito, respirando por aparelhos com remotas chances de se erguer - apenas breves impulsos tolos de resistência.

A socióloga Marilena Chauí relata, em *O que é Ideologia*:

Quando uma classe social compreende sua própria realidade, pode organizar-se para quebrar uma ideologia e transformar a sociedade. Os burgueses destruíram a ideologia aristocrática (nos séculos XVI, XVII, XVIII), e os trabalhadores podem destruir a ideologia burguesa (como propôs Marx). (Chauí, 2017, p. 20-21)

É possível apresentar algumas reverberações poéticas sobre o que foi exposto aqui: a rocha escapa do dorso de Sísifo porque o solo onde pisa em direção ao cume da montanha está encharcado (portanto, escorregadio) de sangue que jorra do topo. O seu ir e vir claudicante constante se mistura com a corredeira contínua da seiva avermelhada das vísceras da raça humana que vem construindo sua própria história. Dentre as várias concepções acerca de Sísifo, uma delas manifesta ser pertinente: não foi um vencido, mesmo no cumprimento de seu castigo eterno, porém, esta sua qualidade não contaminou a civilização real.

A pusilanimidade tem sido perene, um inquilino importante nos meandros da persona humana, inclusive, podendo ser associado, mais uma vez, ao efeito manada. Se não penso, sigo, crio minhas próprias conclusões impulsionadas a partir das já elabora-



das e imposta por outros. Por ser um acontecimento psicológico coletivo, suscita efeitos catárticos nos coletivos, com resultados trágicos sociais e físicos, como por exemplo, as *fake news*, um novo modelo comportamental social em que o falso se transforma em verdade e vice-versa. Com o objetivo de influenciar o comportamento individual das pessoas até atingir uma grande massa, influenciadores digitais divulgam notícias falsas e as disseminam nas mídias sociais, intencionando ganhar seguidores. Contando com a baixa capacidade reflexiva de uma parcela considerável da população, esse mecanismo de dominação política e capitalista tem dado resultados muito além de satisfatórios.<sup>6</sup> Comportamentos muitos semelhantes aos mencionados acima são ocorrências que podem ser notadas como um *impulso grupal* ou *mente grupal*, como expôs Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*.

O pai da psicanálise vai mais além em sua observação: “A massa é um rebanho obediente, que nunca pode viver sem senhor. Ela tem tal sede de obedecer que se subordina instintivamente a qualquer um que se nomeie seu senhor.” (Freud, 2013, p. 34). *Sim, senhor* deverá ser o mantra oficial.

O corpo, mesmo apresentando um potencial natural à busca pela liberdade, que nada mais é do que um desejo inerente ao ser humano, do mesmo modo tende a repeli-la, os receios são enormes, pois, apesar de serem impulsos naturais, podem levá-lo a um lugar desconhecido, conseqüentemente a um possível descontrole. O risco de um revés torna-se perfeitamente provável. Poucos se dispõem a pagar o custo por esta aventura um tanto quanto desconhecida, o íntimo deseja, porém, o receio bloqueia sua progressão. Contentar-se em estar no conforto da legião dos ocultos, com normas e regras impostas pelo controle do Estado, tem sido a opção mais segura e racional. Possivelmente haja pertinência nesse ato, de certa forma, há alguma semelhança aos animais quadrúpedes já mencionados. Busca-se a união coletiva para embriagar-se

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-out-31/siqueira-espiral-silencio-efeito-manada-pesquisas-eleitorais>. Acesso em: 11 abr. 2020.

da ilusão de que são destemidos enquanto seres individuais. Agem buscando um ajuntamento de sentidos semelhantes, interessado a se escudar da ameaça que a reflexão pode representar em suas vidas. Um não ao devir.

Saciado por estar tutelado em um colo protetor, contanto que seja mais forte. “Conservar-me muito calado em um canto, satisfeito por poder respirar” (Kafka, 2000, p. 101). A busca pela extrema união civilizatória torna-se atraente. Em *O Crocodilo*, Dostoiévski também expõe em literatura este aprisionamento consentido. “Vivo e com saúde – respondeu Ivan Matviéitch – e graças ao altíssimo, fui engolido sem qualquer dano.” (Dostoiévski, 2000, p. 24).

Há que se levar em conta os conceitos o *Camelo*, o *Leão* e a *Criança*, utilizados por Nietzsche em *Assim Falava Zaratustra*, para definir as metamorfoses humanas enquanto espécie potencialmente pensante e criativa. Como já mencionado, a primeira abstração nietzschiana citada talvez tenha sido a mais aceita por ser mais fácil de se organizar, provavelmente por ser a mais confortável e a menos penosa. Ao ser consagrada, esta opção terá como consequência a permanência de joelhos por tempo indeterminado, santificando algum salvador vindo do céu, deverá aceitar o que for determinado, pois é esta representação divina que possui o cetro da sabedoria, da justiça e da força. Sim, ser dominado pode traçar algumas semelhanças psicológicas com a proteção do colo protetor materno.

Segundo Emil Cioran (2011c, p. 101): “Sem a sede do ridículo, o gênero humano teria durado mais de uma geração?”. O que ele quis dizer com isso? Seria ridículo dar vazão ao ímpeto utópico de concretização da liberdade? A escassez de idealizações por conta da falta de coragem resultaria em satisfação?

O fato do corpo, por natureza, ser um lugar que processa vontades, desejos e conseqüentemente de dores físicas e psíquicas constantes, com alguns momentos esparsos de satisfação, o torna como o principal agente construtor das suas próprias mazelas. Um criador contumaz de significados e interpretações de

grande amplitude e de inúmeros significados simbólicos. Onde há humanos se relacionando, metáforas deverão surgir como um possível encadeamento de objetivações e subjetivações em suas personificações sociais. Um personagem principal de um espetáculo trágico burlesco com um final previsível, para uma plateia repleta de *daemons*<sup>7</sup>.

## 4 Considerações Finais

Ao longo deste texto, buscamos articular uma filosofia trágica que se apoia na Mitologia Grega e nos pensamentos de Schopenhauer, Nietzsche, Freud e Cioran para apresentar o corpo como uma metáfora do sofrimento imposto pelas formas de dominação moral e política. A partir dessa perspectiva, o corpo não é apenas um ente físico, mas um palco onde se desenrolam as tragédias da existência humana, refletindo as tensões entre a vontade de viver e as inevitáveis restrições sociais.

A Mitologia Grega oferece um rico repertório de narrativas que ilustram a violência e a opressão inerentes às relações de poder. Personagens como Prometeu, Tântalo e Sísifo simbolizam a resistência humana contra as forças opressoras, mesmo diante de punições eternas. Esses mitos revelam a luta constante entre o desejo de liberdade e as limitações impostas por uma ordem superior, representada por Zeus e o Olimpo.

Schopenhauer nos alerta sobre a natureza insaciável da vontade de viver, que nos condena a um ciclo interminável de desejos insatisfeitos. Nietzsche, por sua vez, desafia-nos a transcender os valores tradicionais através da criação do *Übermensch*, uma figura que encarna a superação dos limites impostos pela moralidade convencional. Freud analisa as dinâmicas psíquicas que nos mantêm presos a estruturas sociais opressivas, enquanto Cioran expõe o cinismo inerente à condição humana, revelando nossa tendência à auto enganação.

<sup>7</sup> Espíritos personificados da mitologia grega.

O corpo, portanto, torna-se uma metáfora poderosa para entender como essas forças filosóficas e mitológicas se entrelaçam na experiência humana. Ele é o campo de batalha onde se confrontam os impulsos de liberdade e as forças de dominação. A busca por autonomia é frequentemente frustrada pelas estruturas sociais que exigem conformidade e obediência.

Concluimos que a filosofia trágica proposta aqui não oferece soluções fáceis para os dilemas humanos. Em vez disso, ela nos convida a reconhecer e enfrentar as contradições inerentes à nossa existência. Ao aceitar o corpo como símbolo do sofrimento humano, podemos começar a questionar as normas que nos aprisionam e explorar novas formas de ser que valorizem a autenticidade e a liberdade individual. Essa reflexão crítica é essencial para desafiar as formas estabelecidas de poder e buscar um caminho mais autêntico para viver.

## Referências

BARREIROS, I. Atentado do Riocentro: o frustrado plano dos militares durante a ditadura militar brasileira. **Aventuras na História** - Matérias/Ditadura Militar. 08/05/2020, às 10h09. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-que-foi-atentado-ao-riocentro.phtml>. Acesso em: 28 set. 2021.

BAKUNIN, M. **Deus e o Estado**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2015a.

BAKUNIN, M. **O princípio do Estado e outros ensaios**. Tradução: Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Editora Hedra, 2015b.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

CIORAN, E. **História e Utopia**. Tradução: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011a.



CIORAN, E. **Breviário de Decomposição**. Tradução: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011b.

CIORAN, E. **Silogismo da Amargura**. Tradução: José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2011c.

DOSTOIÉVSKI, F. **O Crocodilo**. Tradução: Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

KAFKA, F. **Diários**. Tradução: Torrieri Guimarães. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Tradução: Paulo César de Souza. Editora Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Tradução: José Mendes de Souza. São Paulo: Saraiva, 2011.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Tradução: Mário D. Ferreira Santos. São Paulo: Editora Escala, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **Da Morte - Metafísica do Amor - Do Sofrimento do Mundo**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

SCHOPENHAUER, A. **A Vontade de Amar**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

SIQUEIRA, R. Espiral do silêncio, efeito manada e pesquisas eleitorais. **Consultor Jurídico** - Opinião. 31 de outubro de 2020, 6h34. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-out-31/siqueira-espiral-silencio-efeito-manada-pesquisas-eleitorais>. Acesso em: 11 abr. 2020.



Corpo metáfora

Sandro Borelli • Odilon José Roble

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.